

# Foto-Cine Clube Bandeirante

S. PAULO — BRASIL

## BOLETIM

OUTUBRO - 1948

ANO III — N.º 30



"BANHO DE MAR"

Julio Agostinelli

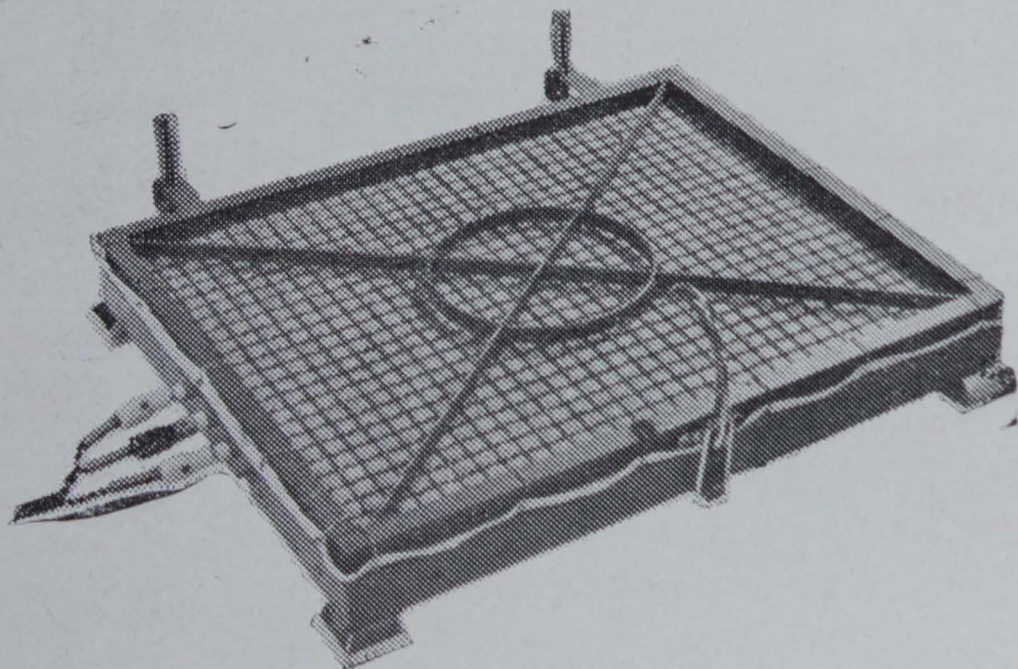
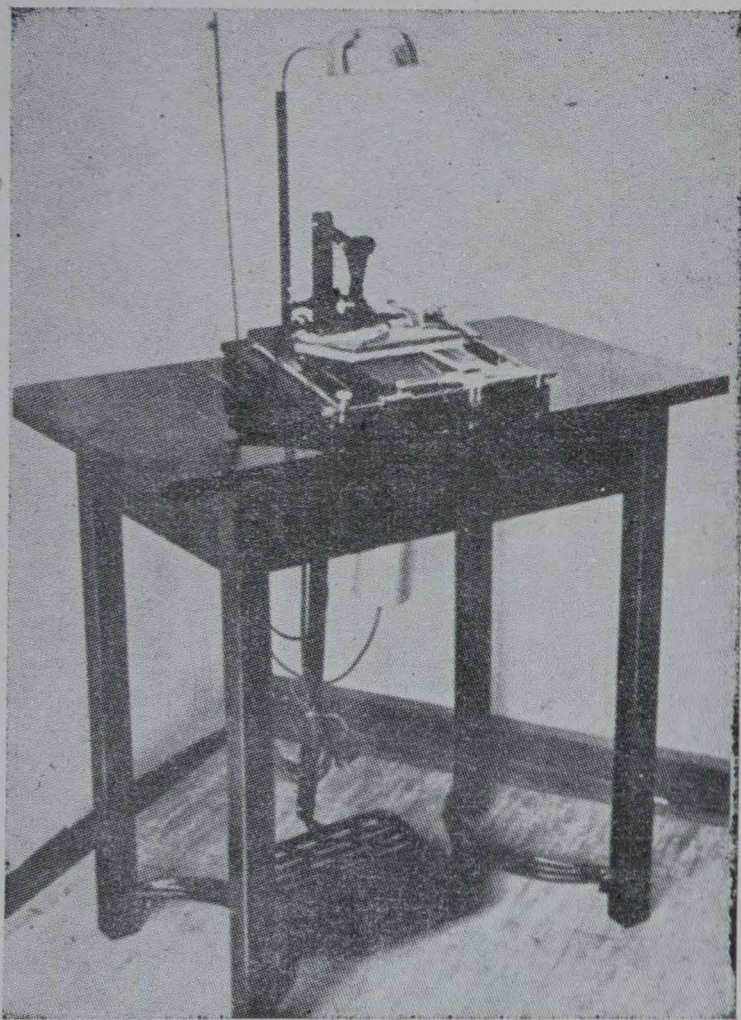


FOTO  
ACESSORIOS  
CINE

*Simon Kessel*  
Importador

Rua Conselheiro Crispiniano, 404 - S/211 - Tel. 6-4198 - Caixa Postal, 2971 - S. Paulo

**PRODUTOS DA MARCA  
IMPERIAL**



Aos Snrs. REVENDEDORES, remetemos Listas de Preços completas  
**DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO PARA TODO O BRASIL**



# FOTOPTICA

Foto · Cine · Otica

Foto · Cine · Otica

Acabamos de receber:

**HOW TO MAKE GOOD MOVIES** — Publicada pela Kodak, considerada como a melhor obra a respeito do cinema para amadores, principiantes e adiantados. Mais de 200 páginas e 600 ilustrações mostram como é fácil obter o máximo prazer e divertimento do cinema para amadores. Escrita em sequencia ao manual de instruções da máquina, mas não invade o campo complexo da tecnica adiantada. — Encadernado; em inglês ..... Cr\$ 70,00

**SAIL-HO** — de Moris Rosenfeld, contendo as mais belas fotografias jamais publicadas sobre barcos a vela. O autor, mundialmente conhecido por suas fotografias marinhas é autoridade suprema em fotografias no genero, constituindo o livro um pertence de valor não só aos fotografos em geral, mas sim aos amantes do iatismo. — Edição luxuosa, encadernada, com ilustrações em papel especial, formato grande, inglês ..... Cr\$ 300,00

**MORTENSEN** — Todos os livros do renomado autor, temos novamente em estoque:

The Model, nova edição .....	Cr\$ 170,00
Flash in modern photography .....	Cr\$ 130,00
Pictorial lighting .....	Cr\$ 150,00
Mortensen on the negative .....	Cr\$ 140,00
The new projection control .....	Cr\$ 110,00
Print Finishing .....	Cr\$ 105,00
Outdoor portraiture .....	Cr\$ 120,00
Command to look .....	Cr\$ 80,00
Monsters and madonnas .....	Cr\$ 120,00

**SWEDEN** - K. W. Gullers - O famoso fotógrafo sueco apresenta neste album maravilhosas fotografias sobre a vida na sua patria. Mostram o espirito do povo e a grandiosidade da terra. As fotografias são primorosas, em clicheria de primeira qualidade, em edição de luxo, grande formato 21-28 cm. — pouco texto em inglês e muitas fotografias ..... Cr\$ 120,00

**CHICAGO** - Album de fotografias da fantastica metropole americana, com fotografias de Arthur E. Haug. 95 páginas de texto e fotografias em formato 21x28 cm., em papel assetinado, encadernado ..... Cr\$ 75,90

**LOOTENS ON ENLARGING AND PRINT QUALITY** — J. Ghislain Lootens — Aclamado pelos criticos como o mais util e importante livro sobre o assunto jamais publicado. Sem numero de sugestões para obter fotografias de qualidade. 272 páginas, 150 ilustrações, 22x15 cm. Encadernado ..... Cr\$ 120,00

**PHOTO ALMANACH PRISMA N.º 2** — A nova edição do já afamado anuario francês. Em magnifica apresentaçao, com revisões importantes do anuario anterior, com ilustrações novas, vencedoras do concurso Prisma. 440 páginas, 19x14 cm., papel finissimo, encadernado ..... Cr\$ 150,00

**CINE ALMANACH PRISMA N.º 1** — A primeira edição do famoso anuario acima, especialmen'te para cinema. Com ilustrações impressas em papel especial rotogravuras, da melhor execução gráfica; do mesmo tamanho que acima, porém com 384 páginas. Contém toda a matéria referente á filmagem catalogada da maneira de um dicionário de A a Z; tanto para amadores como para adiantados ..... Cr\$ 150,00

**PICTURES FROM THE AIR** — Manual Kodak, a respeito da fotografia de avião. Proprio para colocar no Kodak Notebook ..... Cr\$ 15,00

**CAMERA ART AS A MEANS OF SELF EXPRESSION** — Max Thorek — Um amator, conhecido mundialmente, revela como a fotografia pode tornar-se um meio de expressão. Encontram-se detalhadas descrições da tecnica empregada, aparelhos apropriados, e montagem das ampliações finais para melhor efeito nos salões. Com ilustrações do autor, 246 pags. — Encad. inglês .. Cr\$ 120,00

**LEICA MANUAL** — 11.a edição desta enciclopedia, em um volume, sobre fotografias com a Leica especialmente, e as outras máquinas 35 mm. em geral. 552 páginas repletas de informações, indicações, uso e descrição de todos os acessórios. Indispensavel aos possuidores da Leica. Formato pratico enc. 21x15cm., papel assetinado, execução primorosa. Inglês ..... Cr\$ 170,00

**THE FILM SENSE** - S. Eisenstein - O ultimo livro do famoso diretor russo, antes de seu falecimento, ocorrido recentemente. O livro, baseado em suas experiencias, é uma discussão do cinema moderno, como um meio de cuja riqueza de expressão e profundidade de ação não se suspeitava até ha pouco tempo. 288 pag. 21x14 cm. ilustrado, em inglês ..... Cr\$ 120,00

**FILMS IN BUSINESS AND INDUSTRY** — H. C. Gipson — O moderno emprego do cinema e projeções fixas a serviço da educação, industria e comercio. Como emprega-los e como prepara-los. 291 pag. 21x14 cm., enc. inglês Cr\$ 120,00

Escrevam ou visitem-nos. Atendemos pelo reembolso.

RUA S. BENTO, 359 — TELEFONE, 2-4900

Rua Sete de Abril, 102 — Telefone, 4-0788 — Caixa Postal, 2030

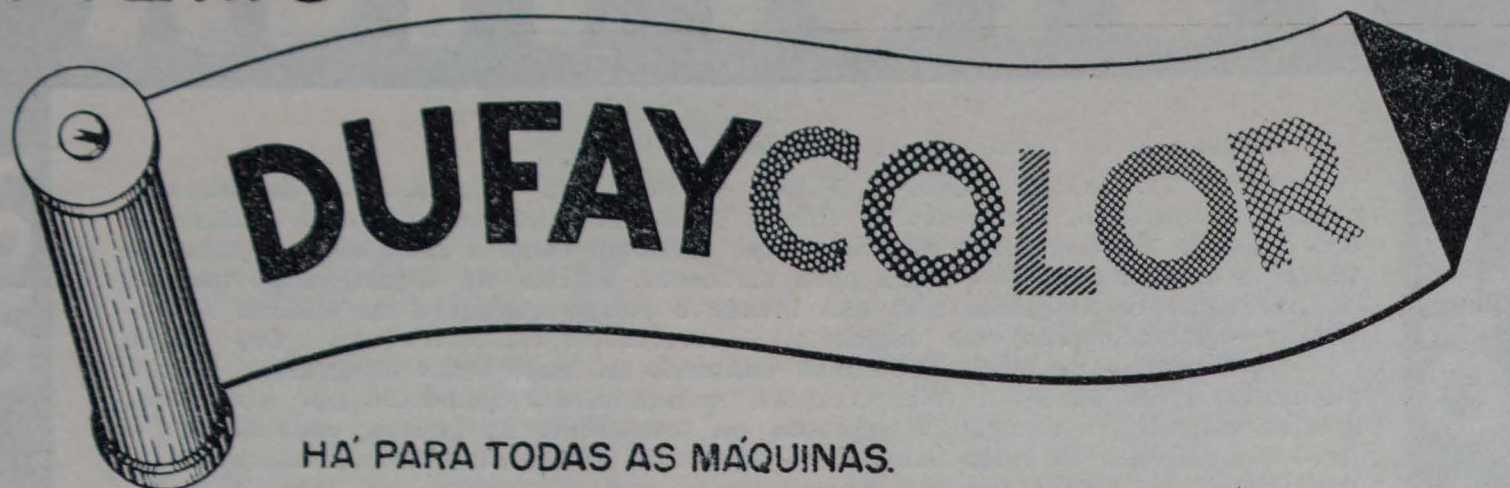
End. Telegráfico: FOTOPTICA S. PAULO

S. PAULO —



**PORQUE NÃO EM CÔRES ?**

**FILMS**



HA' PARA TODAS AS MÁQUINAS.

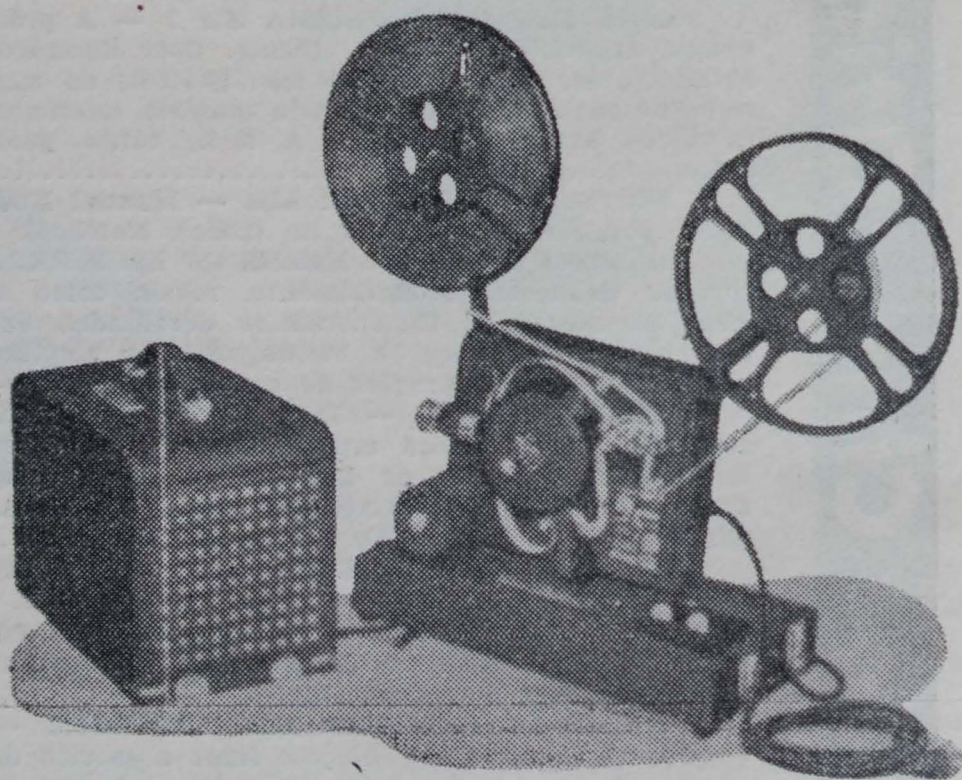
V.S. PODERÁ REVELA-LOS FACILMENTE  
EM SEU PRÓPRIO LABORATÓRIO  
COM O EQUIPAMENTO *DUFAY-COLOR*.



PEÇA INFORMAÇÕES NAS BÔAS CASAS DO RAMO.

## **ANGLO-BRASILEIRA de IMPORTAÇÃO Ltda.**

- ★ Aparelhos sonoros;  
16 m/m — 8 m/m
- ★ Films sonoros e mudos:  
naturais, desenhos,  
comedias.
- ★ Acessórios e máquinas  
fotográficas



Al. Barão de Limeira, 122 - Tel. 6-4930 - C. Postal, 5939 - S. Paulo



# Foto-cine Clube Bandeirante

Atelier para aprendizagem e aperfeiçoamento.

Sala de leitura e Biblioteca especializada.

Excursões e concursos mensais entre os sócios.

Participação nos salões e concursos nacionais e estrangeiros.

Intercâmbio constante com as sociedades congêneres do país e do exterior.

## DEPARTAMENTOS:

Fotográfico

Cinematográfico

Secção Feminina

	Cr\$
Jóia de admissão .....	50,00
Mensalidade .....	20,00
Anuidade (recebida somente nos meses de janeiro a março de cada ano) .....	200,00

Os sócios do interior e outros Estados e da secção feminina gosam do desconto de 50 %

R. S. BENTO, 357 - 1.º AND.  
— S. PAULO - BRASIL —

# A Nota do Mês



Os numeros no seu laconismo frio e impassivel são, entretanto, de uma eloquencia que supera a de quaisquer palavras. Estas seriam vazias, ocas, si não tivessem, para confirma-las, os numeros.

Assim, p. ex., já por varias vezes tivemos ocasião de assinalar nesta coluna, o indiscutivel progresso e aperfeiçoamento que os cultores da arte fotografica, em nosso país, vêm apresentando de ano para ano. Muito se tem escrito e falado a esse respeito. E poderiamos ainda encher laudas e laudas de papel procurando demonstrar a realidade desse adiantamento, tanto no que diz respeito à interpretação dos varios assuntos como no que diz respeito à técnica da execução. E, contudo, poderiamos ser ou não ser acreditados principalmente pelos que não têm podido visitar os nossos Salões, onde mais evidente se torna essa evolução da fotografia artistica no Brasil.

Entretanto, isto que as palavras, por maior poder de persuasão que tivessem, poderiam não convencer, os numeros, em poucos linhas o demonstram e de forma categorica e sem deixar margem à duvidas.

Com efeito, basta atentar para o numero de concorrentes nacionais admitidos a cada novo Salão, para que se tenha imediatamente, patente, aquela verdade.

Assim é que só nos três ultimos salões, p. ex., verificamos o seguinte quadro de autores nacionais:

	Inscritos	Admitidos
V Salão — 1946 . . . . .	117	49
VI Salão — 1947 . . . . .	124	62
VII Salão — 1948 . . . . .	139	82

Donde se vê que a percentagem de autores nacionais bem sucedidos, aumenta de forma bastante apreciavel, de ano para ano, sendo, em apenas dois anos, de quasi o dobro, não obstante a seleção dos trabalhos inscritos, por uma evolução natural e lógica, ser cada vez mais rigorosa.

Deante da afirmação que esses numeros contêm, torna-se ainda mais evidente esse progresso e aperfeiçoamento a que aludimos, em grande parte devidos aos esforços do Foto-cine Clube Bandeirante e ao Salão Internacional por êle, anualmente, organizado, verdadeiras escolas que são de arte fotografica.

O FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE, receberá com prazer a visita de todo e qualquer aficionado da arte fotografica, assim como responderá pelos seus Departamentos, a qualquer consulta que lhe fôr dirigida quanto às suas atividades ou sobre a pratica de fotografia e cinematografia amadorista. Outrosim, recebe, sem compromisso, colaboração para o seu Boletim sendo que as opiniões expendidas em artigos assinados, correrão sempre por conta de seus autores.

Toda correspondencia deve ser dirigida para a sede social do FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE - R. S. Bento, 357, 1.º andar, S. Paulo, Brasil.



# FOTOGRAFIAS AO AR LIVRE

Walter Nurnberg - F.R.P.S., F.I.B.P.

Eu creio na fotografia como veiculo creador. Em outras palavras: eu creio que a camara, as luzes, as drogas e os demais elementos, não são outra coisa que meros instrumentos ao serviço do instinto creador do homem. Ademais, creio que a hierarquia da fotografia em si, como medida do esforço individual, depende basicamente da nossa capacidade para viver a vida completa, individual e inteligente. Eu creio em que a camara, aparte suas aplicações científicas e comerciais, deve ser empregada não somente para registrar o que vemos, como também para dar nossa interpretação pessoal daquilo que vemos.

Em interiores, — no lar, nos studios, na industria, — onde nos vemos forçados pelas circunstâncias a combinar o motivo e as luzes que o iluminam, é mais facil por um cunho pessoal na forma de encarar os trabalhos fotográficos do que ao ar livre.

O "ar livre" é o paraizo do "instantaneista". Ao ar livre, sentimos a tentação de fotografar tudo. A iluminação já está preparada de antemão, os motivos abundam. Não é de surpreender, portanto, que o nivel das fotografias ao ar livre seja pouco elevado, estereotipado e desprovido de inspiração. É tão facil estampar algo "agradavel" no filme, que, por isso mesmo, é difficil realizar uma obra que revele um cunho pessoal, individualista.

Infelizmente, é difficil "educar" os artistas. Mesmo assim, as boas obras não se fazem atendo-se a regras fixas. Podemos porem tratar de analisar o problema com o qual nos confrontamos e estimular a deliberação e a visão sem a qual a boa fotografia nos será impossivel. Vejamos pois, algumas reflexões sobre a fotografia de paisagens e retratos ao ar livre.

A fotografia de paisagens oferece oportunidades sem limites; mas, apresenta também armadilhas incontaveis. É aqui, mais do que em qualquer outro momento que devemos resistir á tentação de cair no instantaneo; temos de escolher o detalhe particular dentro do total da impressão ótica. Si não lograrmos tal cousa, nos será impossivel comunicar aos demais as características intrinsecas da cêna que temos deante de nós. Devemos nos lembrar que a mente separa — em geral, subconscientemente — certos detalhes, enquanto que suprime outros, mas que a lente reproduz tudo o que abrange, sem distinção.

Assim é que a primeira cousa a fazer é determinar o que mais atraiu. O horizonte baixo, com as três arvores solitarias que procuram alcançar o céu, ou o que mais nos atraiu. O horizonte baixo, com as três sombras longas, projetadas pelas árvores no solo? Ou, talvez, a atmosfera geral e o ambiente calmo da linda paisagem? Ou será que a paisagem tem para nós um certo encanto porque a associamos com determinadas recordações? Temos que decidir.

Pretender incluir tudo em um unico negativo, significa não obter nada mais do que a confusa generalização que caracteriza os cartões postais. É necessario determinar o que é mais importante e concentrar-se apenas nisso. Deixe-se de fora o resto. Devemos tratar de encontrar o angulo mais conveniente, a altura mais adequada do ponto de vis'a e escolher o filtro necessario para determinado grao de contraste. Devemos nos indagar se a iluminação é boa como está

ou se conviria esperar algumas horas até que pudesse melhorar ou se apresentar diferente.

Não faz muito, me foi dado examinar e analisar uma exposição individual que incluia um grande numero de paisagens. Mesmo quando o trabalho se mostrava, sem duvida, competente, não era possivel evitar a sensação de que o autor havia perdido excelentes oportunidades, por falta de paciencia e de deliberação. As fotografias revelavam pobreza mental e letargo emocional. O resultado, para mim, era uma completa falta de satisfação; via uma generalização, uma reprodução agradável de um lugar desconhecido; mas, perdia muito mais do que via. Notava a falta de ambiente da paisagem, e mais ainda, a expressão das sensações experimentadas pelo autor.

Isto é impor'ante. Ainda quando as melhores fotografias de paisagens tenham, necessariamente, algo de documental, elas deverão dar mais do que uma simples satisfação visual; hão de fazer com que os que as observarem, se sintam integrados na paisagem, sentindo sua atmosfera, sua temperatura, seu perfume, enfim, seu impacto, por assim dizer. Deve fazer com que nos sintamos como fazendo, nos mesmos, parte integran'e da fotografia.

Raramente, a sorte, o acaso, produz um tal efeito. É preciso, antes de mais nada, uma profunda apreciação da natureza; depois, que a técnica tenha sido completamente dominada e, por ultimo — o que não é menos importante — que o fotografo conheça o que vê. Paciencia na observação e na percepção essencial; não basta uma vaga idéia.

O fotografo paisagista deve ter algo de aventureiro; não deve contentar-se em contemplar os rios do alto e as colinas e montanhas do sopé. Nunca deve estar tão cansado que não possa dar volta á esquina para ver que aspecto tem a natureza vista daquele outro ponto. Deve ter tempo e von'ade para por em jogo sua imaginação e antever como será á tarde, a paisagem que contempla ao meio dia; ou como seria ao amanhecer ou na hora do crepusculo. O paisagista, como todo o amante da natureza, deve ter algo de sonhador.

Os elementos para fotografias de paisagens, é cousa muito discutida. Há quem sus'ente que a camara 35mm. é a ideal, enquanto outros asseguram, com igual calor, que nada menos que 6x9 ou 6x6 serve para o caso; outros ainda retrucam que é impossivel fazer boas paisagens com cameras menores do que 9x12. Pessoalmente, eu prefiro a reflex 6x6, e a 9x12 para vistas panoramicas. Alem da objetiva normal, uma teleobjetiva é também recomendavel. A grande-angular pode ser util, sem ser, porem, necessaria. Os filtros, são elementos importan'es. O amarelo-esverdeado e o laranja (4x) são os que reputo necesarios com as emulsões pancromaticas atuais. O filtro vermelho deve ser usado com muito cuidado e sómente para efeitos especiais como no caso de crepusculos ou ceus tormentosos. A consideração principal, em qualquer caso, há de ser sempre a de transmitir seja o verdadeiro caracter da paisagem ou então nossa interpretação pessoal da mesma. Em nenhum caso devem os filtros ser usados sem que haja uma razão para isso.

—000—

O retrato ao ar livre — O retrato ao ar livre,





Grupo formado por alguns dos participantes da ultima excursão, á Caraguatatuba, a pitoresca localidade praiana do nosso Estado.

especialmente os estudos em planos grandes, têm ganhado maior popularidade nos ultimos anos. Não obstante isso, existe campo para melhorar o nivel médio deste tipo de trabalhos. Além de alta capacidade técnica, necessitamos de encarar-los de uma nova maneira.

Ocupando-me primeiramente da técnica, eu diria que o retratista de ar livre, deveria estudar antes a iluminação em atelier. Aqui, com focos portateis e leves, pode estudar os efeitos luminosos, sistematicamente e analiticamente. Isto é muito importante. O amador, em geral, quando trabalha ao ar livre, raramente se ocupa da iluminação do rosto; e outros que assim fazem, estão obsecados por regras estranhas tais como a de que os primeiros planos de rostos devem ser feitos unicamente com luz difusa ou então que é necessario evitar o contraste forte. Existem ainda os que dizem que o retrato ao ar livre deve conservar todo o aspecto de trabalho ao ar livre.

Todas estas tendencias não merecem ser levadas em conta seriamente; quero porem salientar que o grau de contraste e o jogo de luz e sombra, geralmente, têm um significado não apenas pitórico mas também psicológico. Compreende-se que o tipo de iluminação deve estar de acordo com o caracter do modelo ou, pelo menos, com o caracter que desejamos expressar. Não há razão alguma para que tenhamos de limitar a gama de nossos metodos de iluminação só porque trabalhamos ao ar livre. Até podemos nos permitir de fazer retratos em tão menor se nos ocorrer a oportunidade.

Os fundos negros podem ser conseguidos com o facil expediente de colocar o modelo deante de uma porta aberta que dá para um interior escuro; da mesma maneira, é possivel evitar o contraste excessivo, usando um jornal aberto ou uma parede visinha, como rebatedor de luz.

Para mim, o melhor elemento para esta classe de trabalho é a camara reflex monocular, que leva uma objetiva de distancia focal relativamente grande.

Para estudos fortes de caracter, as emulsões ortocromaticas podem ser preferidas ás pancromaticas.

Mais importante que uma grande flexibilidade técnica é uma forma de encarar o trabalho mais sensível e mais inteligente. Deve-se reprimir a tendencia ao evidentemente pictórico, ás barbas longas, aos chapéos de abas largas, ás peles enrugadas de acentuada textura, contentando-se com os efeitos obvios. Não se deve esquecer que, mesmo quando ao ar livre, a missão do retrato é transmitir a sensação do caracter e não um simples registro dos traços. Não há razão para que as pessoas retratadas ao ar livre pareçam illustrações de reclames de pastas dentrificias assim como não há razão para que ocupem no quadro, angulos impossiveis repellidos pela lei da gravidade.

O retrato ao ar livre, além de tudo, não é mais do que uma variante e não uma maneira especial de apresentação.

(Transcrito de FOTOCAMARA)

---

**AS FOTOGRAFIAS DO MÊS** — Sob a epigrafe acima, o Boletim reproduzirá todos os meses, algumas das fotografias que melhor classificação obtiveram nos concursos internos do Clube, nas varias categorias em que as dividem os concorrentes.

Ilustram este numero, trabalhos apresentados no concursos relativo ao mês de agosto p. p.



# DIVAGAÇÕES SOBRE A FOTOGRAFIA EM CORES

Alfredo Ornano

(Transcrito de "FERRANIA")

Quando surgiram as primeiras películas em cores com os novos processos de síntese subtrativa que, em verdade, abriam um rumo novo e pratico para a fotografia em cores, em todas as revistas especializadas floresceram numerosas discussões sobre o futuro da fotografia colorida e muitos viram proximo o desaparecimento da fotografia em branco e preto.

Fiquem certos, porem, os que assim pensam, de que ela não morrerá jamais. Assim como existem o desenho e a pintura, assim será também em relação à fotografia em branco e preto e ela está demasiadamente ligada à nossa vida para que possa ser abandonada; além disso, há a questão do custo, que não é de desprezar. Mesmo quando a copia e a ampliação em cores se tornarem cousa comum e normal, o custo será sempre bem mais elevado do que o do trabalho correspondente em branco e preto. O cinema em cores, ainda não se firmou; vemos alguns filmes bons e muitos são os que deixam a desejar (falo unicamente do ponto de vista técnico); nem se pode dizer que um filme em cores nos atrai mais do que um em branco e preto. Isto depende, certamente, do rendimento ainda imperfeito das cores e do fato de não se haver ainda dominado o novo processo tão bem e tão a fundo como o em branco e preto o qual nos permite de obter muitos efeitos graças à perfeição que atinju. Creio que mesmo quando a fotografia em cores estiver mais aperfeiçoada tanto em sensibilidade, com em latitude e rendimento, o cinema e a fotografia em branco e preto continuarão a nos atrair fortemente.

A fotografia em cores fez também muitos adeptos porque, depois de tirada, nada mais resta a fazer senão aguardar os resultados. A camera escura, onde ficavam tão à vontade os amadores de outros tempos os quais revelavam chapa por chapa, hoje em dia possui uma atração bem menor para o moderno amador que, quando muito, revela com tanque, em tempo certo e mesmo sem camera escura, ou então sente-se muito feliz com deixar o seu filme num laboratorio que trata de revelá-lo. Os filmes em cores são consignados à fabrica que os devolve prontos para a projeção. Por conseguinte, ao aficionado compete apenas expo-lo com a maior exatidão e depois aguardar o resultado; podeis crer que isto, para muitos, é uma grande comodidade e muito contribuiu para a difusão da fotografia em cores.

Nos primeiros anos deste século, quando appareceu a fotografia em cores com as chapas Lumière, de síntese aditiva, houve uma grande repercussão: a novidade era estonteante e os resultados convincentes levaram muitas fabricas a seguir o mesmo caminho. Entretanto, havia sempre deficiencia

na resolução das cores, por causa do mosaico. Por outro lado, seja porque naquele tempo as emulsões eram mais lentas que as atuais seja porque a luz antes de impressionar a emulsão sensível devia atravessar os filtros que a absorviam em grande parte, as fotografias exigiam tempos de pose muito mais longos dos requeridos pelas atuais películas coloridas, em síntese subtrativa.

O triunfo destas ultimas é devido, em grande parte, à definição bastante acentuada, graças à ausencia do mosaico que quebrava as linhas e a superficie da imagem, e graças à extrema subtilidade das três camadas sensíveis que as compõe, encontrando-se as três imagens distribuidas na espessura total formada pelas três camadas superpostas cousa que permite notaveis ampliações da imagem. O triunfo é devido também à grande transparencia das imagens e à sensibilidade atualmente bastante elevada mesmo em comparação ao filme em branco e preto.

E' muito interessante notar que a solução da fotografia em cores foi indicada, teóricamente, desde 1859 por Clerk Maxwell, admitindo que a solução impressionavel tivesse uma sensibilidade cromatica estendida a todas as cores. Dois anos depois, Maxwell projetou a imagem de um tecido em cores, por meio de três filmes obtidos através de três filtros coloridos e projetados por três projetores munidos também dos filtros. A superposição destas três imagens parciais, monocromas, dava a imagem definitiva em cores que, se as três imagens monocromas tivessem sido bem selecionadas, deveriam ser a reprodução exata das cores do tecido. Isto, porem, não era possivel porque as películas de então não tinham nenhuma sensibilidade para o vermelho. Naquela época, realmente, se usava colodio e este, como também, depois, as primeiras emulsões em gelatina, tinham a sensibilidade cromatica original dos sais de prata, isto é, limitada unicamente ao violeta e ao azul e não se conhecia ainda o modo de estender a sensibilidade também às outras cores; as primeiras tentativas nesse sentido, foram feitas com extraordinarias sobreexposições.

Em dezembro de 1867, C. Cros depositava na Academia de Ciencias de Paris um envelope lacrado que devia ser aberto somente em 1876. O escrito que esse envelope continha, indicava um processo para a tomada de fotografia em cores e dizia, em resumo, o seguinte: "Tomam-se três fotografias sucessivas do mesmo assunto. Para a primeira, se interpõe entre o objeto e a objetiva da maquina fotografica, um vidro vermelho, para a segunda um vidro amarelo e para a terceira um vidro azul. Os raios de luz vermelha refletidos pelo objeto pas-



sarão através do vidro vermelho e o mesmo acontecerá com as outras duas espécies de raios em relação aos respectivos filtros. Ora, se depois de obtidos os diapositivos das três fotografias, se superpõe, em uma tela, as projeções destes mesmos diapositivos através de filtros vermelhos, amarelos e azuis, a projeção assim composta, apresentará o objeto com suas verdadeiras cores... A superposição de três copias sobre um cartão branco, si se tiver o cuidado de preparar cada copia com a cor complementar daquela que serviu para obter a respectiva copia, dará a reprodução de todas as cores do objeto com uma precisão que é limitada unicamente pela pureza e transparencia das cores reproduzidas.

L. Ducos du Hauron, por certo, não conhecia o conteúdo do envelope depositado por Cross, quando em novembro de 1868 patenteou um processo para obter negativos selecionados e estampas superpostas, pouco mais ou menos como ainda hoje se pratica com certos sistemas fotograficos e nas artes graficas. Ducos dizia que si se decompõe o quadro aparentemente unico, em três quadros distintos, um vermelho, um amarelo e outro azul e se de cada um destes três quadros si obtiver uma imagem fotografica distinta, que lhes reproduz a cor especial, bastará depois fundir em uma só imagem as três imagens assim obtidas, para termos a reprodução exata das cores e do claro escuro". Esta visão da tricromia surgiu, como já disse, quando as emulsões eram sensíveis apenas aos raios azuis e violetas. O principio do pancromatismo, isto é, da sensibilidade cromatica dos sais de prata a todas as cores, foi enunciado, depois de muitos anos de estudo, sómente em 1873 por H. W. Vogel, pouco depois de se terem feito as primeiras emulsões sobre gelatina, as quais eram também sensíveis apenas ao azul e ao violeta. Vogel disse: "agregando-se ao brometo de prata uma substancia capaz de absorver certos raios coloridos, ela o torna sensível a estes mesmos raios". Em seguida, foram assim preparadas as emulsões ortocromaticas e depois as pancromaticas.

Na atual fotografia em cores, as três

camadas sensíveis seguem justamente o principio de Vogel mas, como é notorio, a sensibilidade para o azul e o violeta original, persiste mesmo quando se sensibiliza a camada para determinadas cores; p. ex.: a vermelha e a verde. E' por esta razão que nas atuais pelliculas em cores é necessário dispor de um filtro amarelo capaz de absorver os raios azuis e violetas da luz incidente, antes que ela chegue a impressionar as camadas sensíveis ao verde e ao vermelho, e depois de haver impressionado a camada sensível ao azul.

O processo de fotografia em cores de Ducos du Hauron, sobre o qual também se baseiam os processos hodiernos, exige o uso de filtros coloridos para selecionar as cores, isto é: do mesmo objeto se faz, em immediata sucessão ou simultaneamente (com maquinas especiais, geralmente muito custosas) três fotografias sobre emulsões pancromaticas, usando três filtros diferentes: azul-violeta, verde e vermelho-alaranjado. Estes três filtros são os mesmos do mosaico da antiga chapa de Lumière na qual a imagem era dada por sintese aditiva ou seja, pela adição das raiasções coloridas por intermedio dos proprios filtros os quais também reconstituam as cores da imagem. Ao invés, na tricromia obtida com as três poses acima referidas, por sintese subtrativa, as três imagens elementares possuem as cores complementares dos respectivos filtros, isto é, o negativo obtido através do filtro azul-violeta, é impresso em amarelo, o negativo obtido através do filtro verde em vermelho-magenta e o obtido com o filtro vermelho-alaranjado em azul-verde.

Como disse, para obter estes três negativos, ou se os impressionam simultaneamente, com uma maquina especial, ou sucessivamente com um aparelho qualquer. No primeiro caso, com certas condições especiais de luz pode-se fazer um instantaneo não muito rapido; no segundo caso só se reproduzem assuntos imoveis. Em ambos os casos o maior impecilho para exposições mais rapidas é constituido pelos filtros que absorvem um parte consideravel de luz que atravessa a objetiva.

**KOSMOS FOTO**

ARTIGOS E SERVIÇOS  
FOTOGRAFICOS, CINEMATOGRAFICOS  
RUA SÃO BENTO, 288 - TEL. 2-5882  
SÃO PAULO



Suponhamos agora que, ao invés da emulsão pancromática e dos filtros selecionadores, usemos três emulsões diferentes: uma comum e, portanto, sensível apenas ao azul-violeta, outra sensível ao verde e a outra ao vermelho. Teremos a vantagem de dispensar os filtros porque as próprias emulsões possuem as respectivas sensibilidades já selecionadas e, em consequência poderemos

sar exposições mais rápidas do que as requeridas pela emulsão pancromática com os filtros relativos. Esse é, justamente, o caso das atuais películas em cores. Sobre elas existem três camadas sensíveis superpostas, delgadíssimas, quasi transparentes, cada uma sensibilizada para uma das cores primárias. Como a sensibilidade cromática que é dada a estas emulsões não anula aquela original do brometo de prata para a cor azul-violeta, sobre as camadas sensíveis ao verde e ao vermelho se dispõe uma outra camada, colorida em amarelo, para absorver os raios azul-violetas. Desta maneira, abolidos os intensos filtros coloridos, o tempo de pose pode ser consideravelmente reduzido.

Graças a formação de substâncias coloridas durante a revelação, obtém-se as imagens em cores do objeto pela superposição das três imagens selecionadas, cada qual formada com uma das cores suplementares.

Si no seu tempo nos maravilhou a película Lumière, mais ainda nos deve admirar a atual película em cores e seu tratamento; neste material que nos dá a imagem por síntese subtrativa, encontramos genial aplicação de processos químicos e subtilezas técnicas; basta pensar na formação das cores nas camadas das emulsões e nas espessuras destas que se medem por milésimos e milímetros.

Ora, a fotografia em cores por síntese subtrativa firmou-se brilhantemente em todos os lugares e é licito dizer que ela se encontra numa fase de aperfeiçoamento que se poderá julgar definitiva. Entre os arduos problemas que restam a resolver estão o da sensibilidade e o da latitude da pose. Este último é de enorme importância porque é obvio que aumentando-se a latitude de pose, poder-se-á obter melhores resultados com assuntos de cores as mais variadas, desde as mais claras até as mais escuras ou mesmo possuindo iluminação fortemente contrastada. Nos Estados Unidos já se fazem fotografias em cores com lâmpadas-relâmpago especiais para a coloração da luz e já vi instantâneos esportivos de 1/500 de segundo com a lâmpada eletrônica; mas, sempre com iluminação de frente como exige este material sensível de pequena latitude de pose.

Muito breve se chegará ao ponto em que qualquer pessoa poderá revelar, ela mesma, a película em cores com grandes vantagens para todas as aplicações profissionais desde a ilustração até a publicitária. Algumas fabricas já produzem, além das películas para diapositivos em cores, também filmes negativos; estes mostram as cores complementares do assunto e a copia que

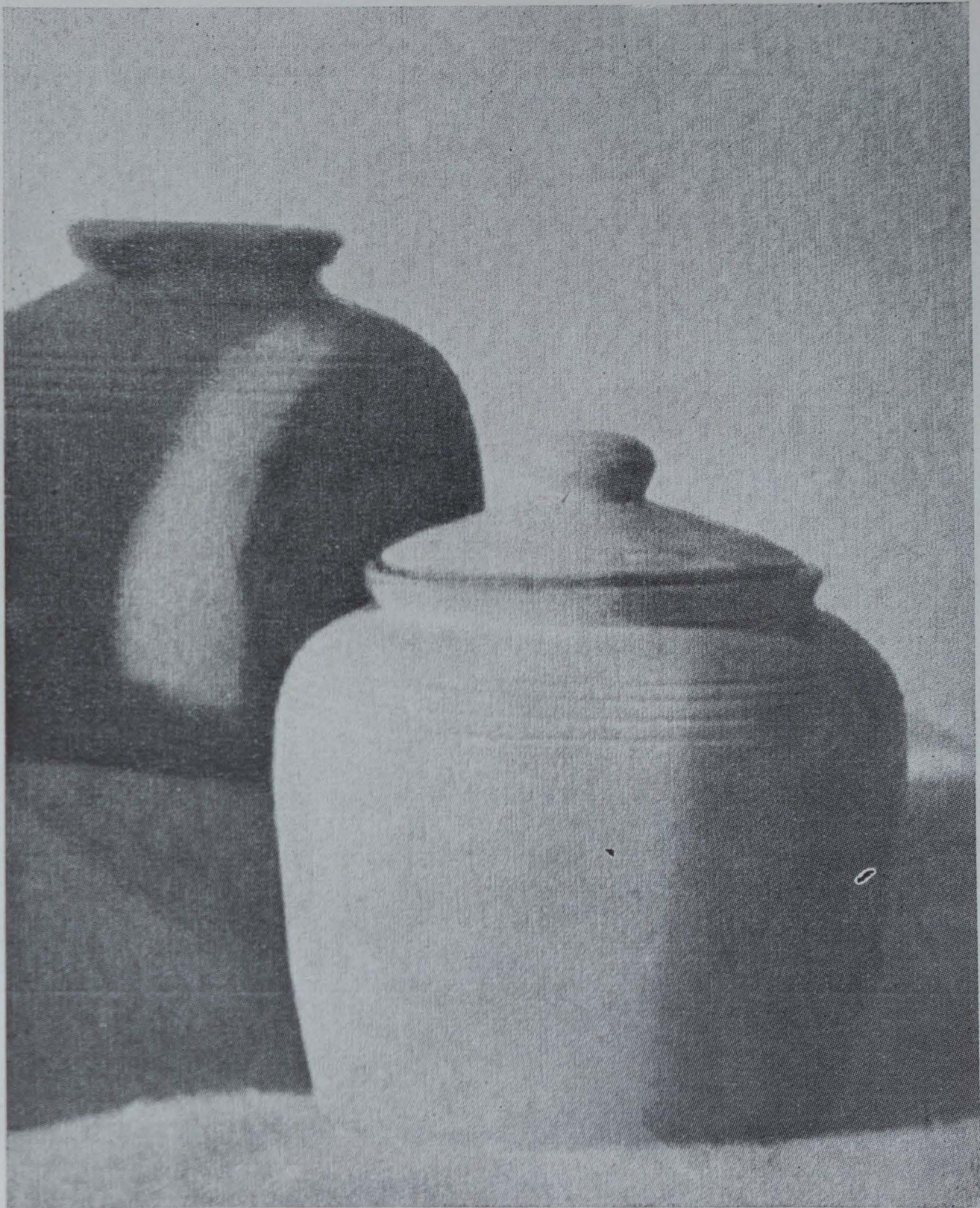
deles se obtém possui as cores exatas. Nos Estados Unidos já se difundiu a impressão da fotografia em cores sobre cartão, não só com filme negativo mas, sobretudo com os diapositivos em cores. Com estes poderemos rapidamente calcular eventuais correções cromáticas as quais poderão ser feitas mediante o uso de filtros coloridos dispostos entre a luz utilizada para a impressão. O suporte das copias não é de papel, mas de acetilcellulose branca, opaca, com superfície brilhante. As copias podem ser obtidas por contacto ou por ampliação. Deve-se ter em conta que nos Estados Unidos, cuja industria não esteve exposta aos desastres da guerra, a fotografia em cores pode ser aperfeiçoada também durante o período bélico e, especialmente em Hollywood, o uso das películas em cores tornou-se comum, mesmo em formatos maiores.

E' obvio que a copia sobre cartão é a aspiração final da fotografia em cores; até agora tal copia é de custo elevado e a fotografia em cores continuará a ser divulgada sempre mais com os pequenos formatos e as belíssimas projeções que com eles se obtém. Quando conseguirmos nos aproximar da normalidade, a muitos será possível dedicar-se a todo o progresso em cores que vai se simplificando sempre mais, principalmente pelo fato de que as operações que devem ser feitas em câmaras escuras são breves e conduzidas com simplicidade, de maneira a não constituir obstáculo para o profissional e para o amador avançado. Em geral, as operações que devem ser executadas no escuro ou sob luz verde controlada e muito reduzida, são duas e, conjuntamente, não tomam mais que quinze minutos, isto é, a primeira revelação e o banho de detenção; todo o resto do processo se desenvolve sob a luz clara de pequenas lâmpadas normais. Além disso, as operações se desenvolvem em tempos preestabelecidos, com temperatura fixa e, quando no escuro, fácil é controlar o tempo por meio dos relógios especiais de laboratório ou mesmo consultando um relógio com números fosforescentes. Para quem é metódico não há nada, pois, de excepcional.

Também a fotografia sobre cartão é admirável prova da técnica moderna: basta dizer que as camadas sensíveis sobre o suporte referido são ainda mais delgadas do que as que se estendem sobre as películas para diapositivo; realmente, esta é iluminada por transparência, e a fonte luminosa pode ser aumentada consideravelmente, enquanto que a cor da copia é iluminada pela luz refletida pelo suporte, luz que é contida dentro de limites restritos. Pode-se ter uma ideia sobre esta limitação, pondo-se um diapositivo em cores, bastante claro, com a gelatina de encontro a uma folha de papel branco, de maneira a ficar bem aderente: as varias cores aparecerão bastante opacas e, principalmente nas partes fortes, não se conseguirá perceber nem as cores nem as linhas da imagem.

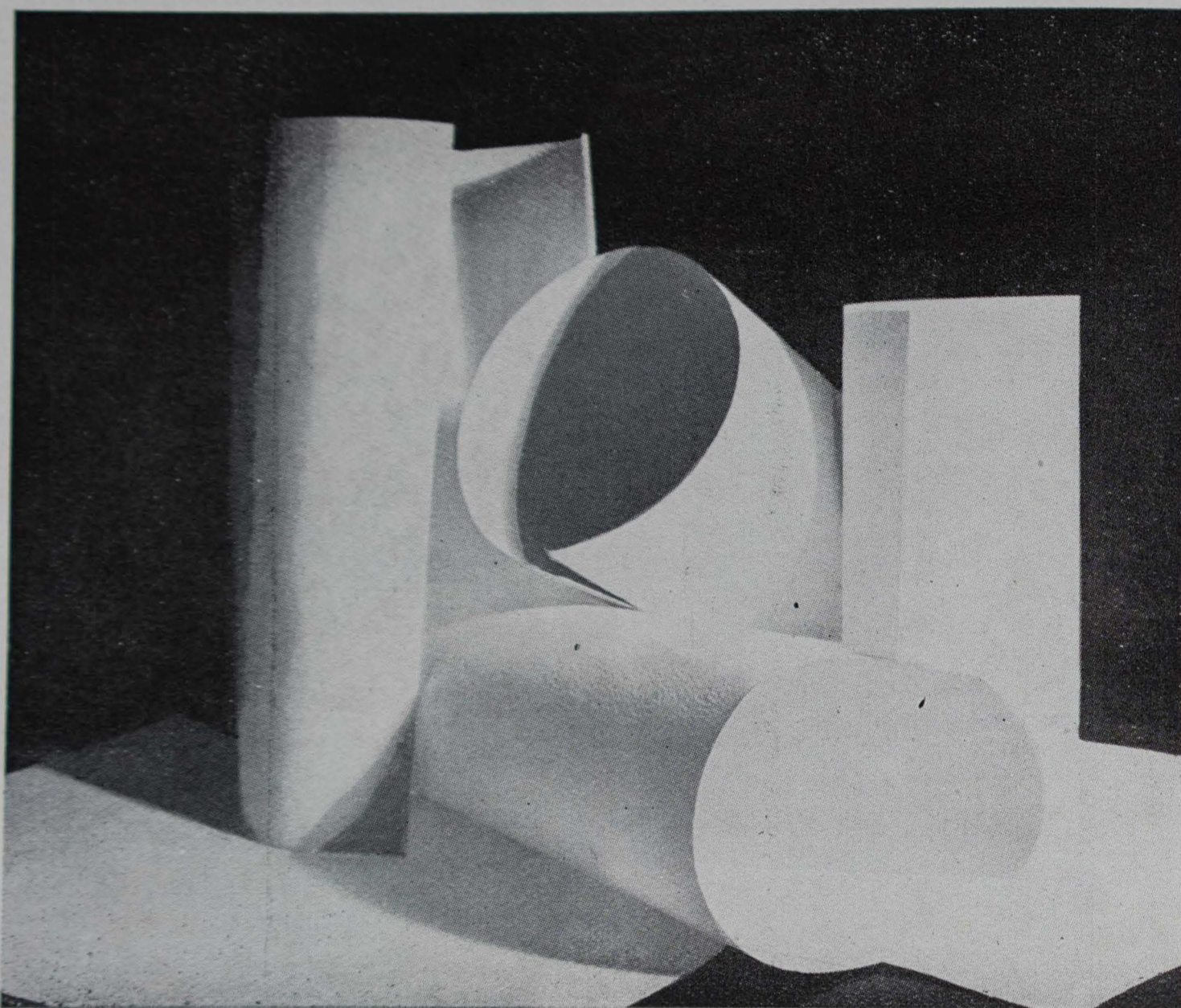


*As Fotografias do Mês*



"RUSTICO"  
Eduardo Salvatore





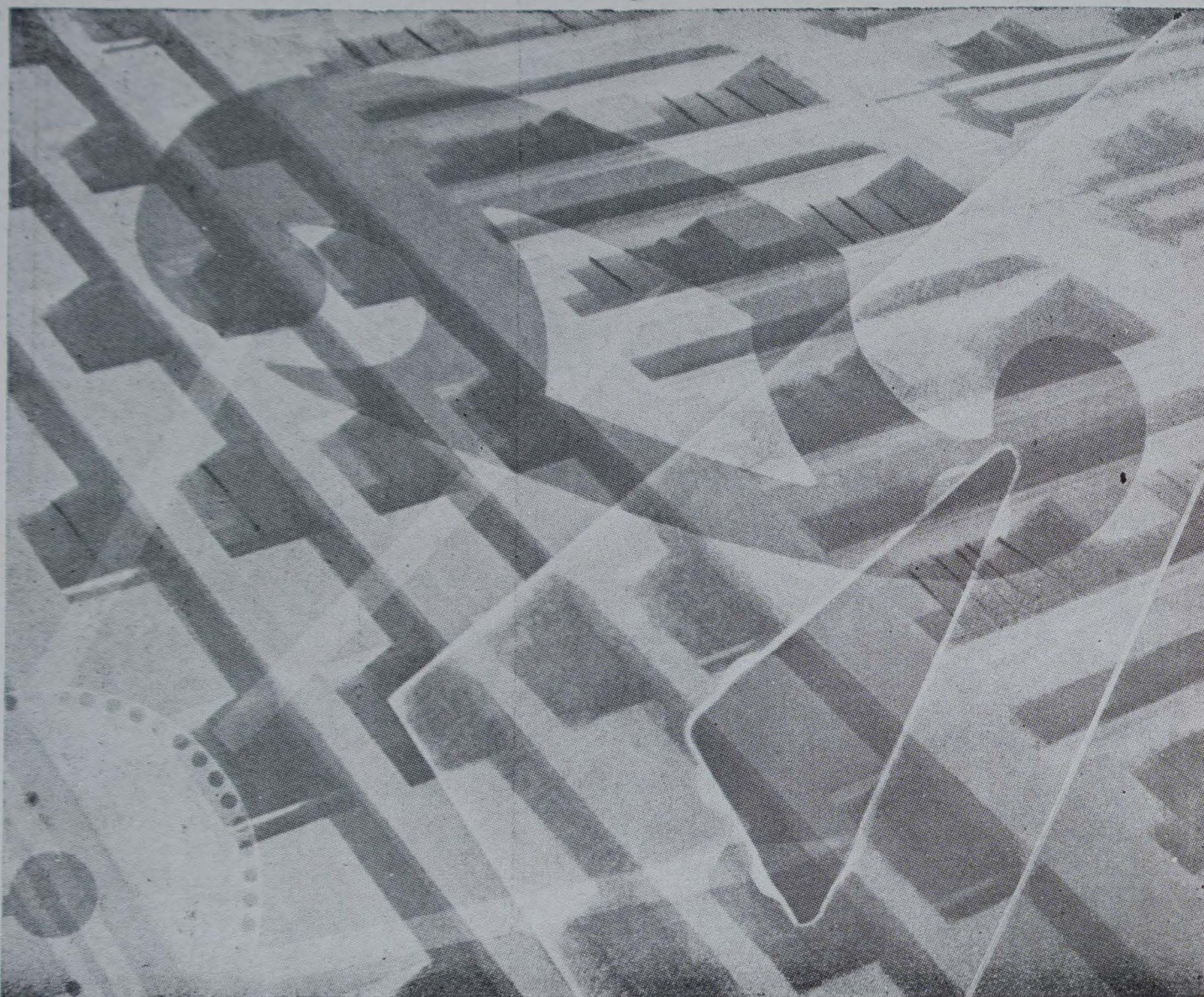
**"FORÇA"**  
Goro Tanaka





"SUA MAJESTADE, A ROSA"  
Nelson S. Rodrigues





“SEMI-ABSTRAÇÃO n.º 1”  
Kurt Kloege



# VII Salão Internacional de Arte Fotográfica de S. Paulo

202 AUTORES, COM 409 TRABALHOS ADMITIDOS: A 12 DE NOVEMBRO PROXIMO  
A INAUGURAÇÃO DO CERTAME

Assinalando seu maior exito desde quando foi instituido, encerraram-se as inscrições ao Salão deste ano registrando, conforme já noticiámos, 368 autores inscritos com um total de 1259 trabalhos. Entretanto, alguns desses trabalhos, provenientes do estrangeiro, apesar de estarem os respectivos boletins de inscrição com a Secretaria do Clubc já há alguns meses, não foram ainda entregues pelo Correio, de maneira que aquelas cifras sofreram pequenas alterações, reduzindo-se para 334 os autores e 1.145 as fotografias inscritas. Ainda assim, esses numeros estabeleceram um novo recorde em salões sul-americanos, sendo que desse total, 520 trabalhos são da autoria de 139 concorrentes nacionais.



Flagrante colhido durante os trabalhos da Comissão de Seleção do próximo certame

—000—

Ante tão grande numero de trabalhos, ardua e difficil foi, sem duvida, a tarefa da Comissão de Seleção, composta pelos conhecidos aficionados Angelo F. Nuti, Dr. Benedito J. Duarte, Dr. Eduardo Salvatore, Francisco B. M. Ferreira e Plinio S. Mendes.

Desincumbiram-se aqueles consocios, desdobrando-se com a dedicação e entusiasmo que lhes é peculiar, afim de que fossem apresentados ao publico trabalhos de alto valor e cujas qualidades de interpretação e execução servissem como exemplos do alto nivel artistico atingido pela fotografia em todo o mundo.

Assim é que ao terminarem a tarefa, após varios dias de trabalho, anotaram um total de 409 trabalhos admitidos, da autoria de 202 concorrentes, assim distribuidos: nacionais: 82 concorrentes com 189 fotografias; estrangeiros: 120 concorrentes com 220 trabalhos, nesses Algarismos não estando computados os trabalhos apresentados pelos membros da comissão julgadora e que figurarão fora de seleção.

26 paises, inclusive o Brasil estarão representados no VII Salão Internacional de Arte Fotográfica de S. Paulo e vem despertando particular interesse nos circulos aficionados, a apresentação, pela primeira vez, de renomados artistas-fotógrafos da Hungria, pais onde, como sabemos, a fotografia artistica possui alguns dos seus mais avançados cultores, da Finlândia e do Luxemburgo. Com efeito, teremos dentro de poucos dias, ensejo de apreciar, de perto, os trabalhos de Erno Vadas, Tibor de Csorgeo, Simor Pal, Joseph Seidl, Kálmán Szllosy, Trond Hedstrom, Georges Steil e outros autores internacionalmente afamados, daqueles paises, cujas representações veio abrilhantar sobremaneira o VII Salão.

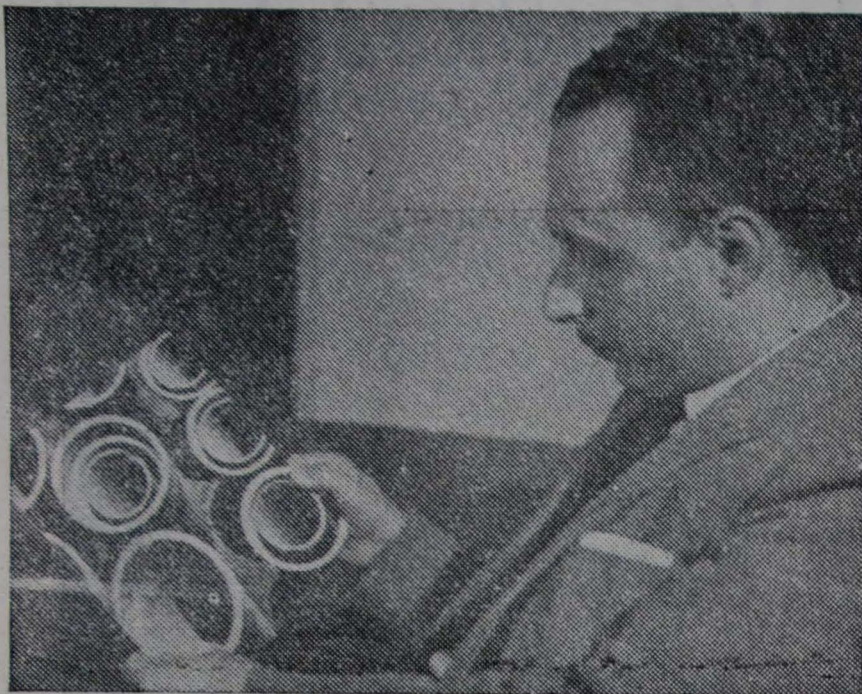
Alem desses, estarão novamente presentes nomes já bastante conhecidos entre nós dos salões anteriores, como, entre outros, Mercedes Aicher, Leon Brunner, Oriente Calabrese, Annamarie Heinrich, Hugo Kalmar, Ernesto Strasser, Cesar Dugone, Florencio Ro-

drigues, Humberto Zappa e outros, da Argentina, Cecil Atwater, Edward C. Crossett, Frank R. Fraprie, Carl Mansfield, Edith Royky, Jean Ewell, etc. dos Estados Unidos, A. F. Bemelmans, J. J. Schaepmann da Holanda, Angel de Moya de Cuba, Marcelino Araiza do México, Mario Cambi, Aurelio Bonori, Mario de Marchis, Domenico di Vietri, Mario Vittone, etc. da Italia, Artur de Araujo, Adelino Lyon de Castro, Fernando Carneiro Mendes, Silva Nogueira, Fernando da Ponte e Souza, de Portugal, Kahti Patel, da India, J. Orúz Echague da Espanha, Eliane Gehri da Suécia, Maurice Van de Wyer, da Bélgica, e entre os nacionais Francisco Albuquerque, Francisco Aszmann (agora no Rio de Janeiro), Antonio Chiatone Filho Galvano Caliera, Thomaz J. Farkas, Gaspar Garparian, Djalma Gaudio, Guilherme Malfatti, Pedro Josué, Car-



O destacado amador, Plinio S. Mendes foi um dos integrantes da Comissão de Seleção





**Angelo F. Nuti e Francisco B. M. Ferreira, nomes internacionalmente conhecidos, formaram também dentre os selecionadores de VII Salão**

los Ligér, Jayme M. Luna, José Oiticica Filho, Ludovico E. Munglioli, Fernando Palmério, Nelson S. Rodrigues, José Yalenti, Ismael A. Souza, Luis Vacari, Antonio S. Victor, Francisco Quintas Jr., Roberto Yoshida, etc. etc.

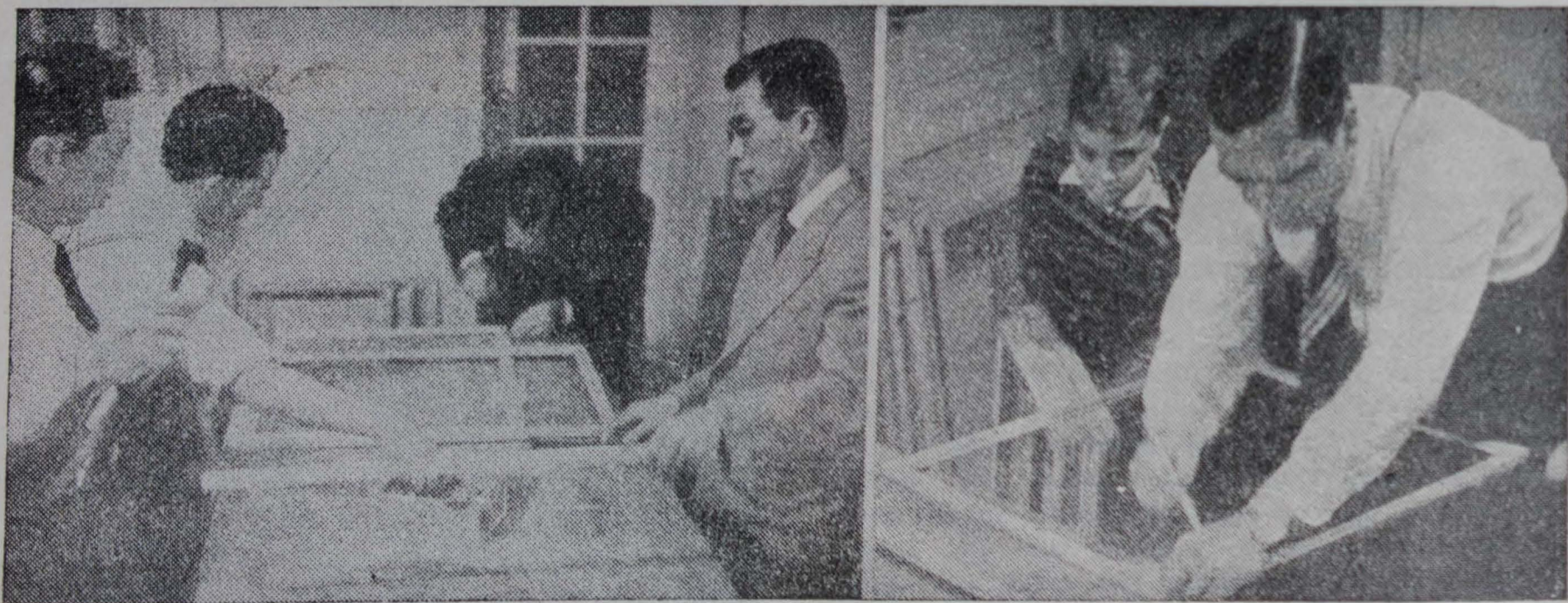
Ao lado destes, notável é o numero de novos autores, tanto nacionais como estrangeiros que se apresentarão ao publico neste VII Salão e entre estes anotamos, rapidamente, entre os nacionais, Julio Agostineli, Raymundo Castro, Arnaldo Florence, Julio Gouveia, Carlos F. Latorre, German Lorca, Manoel Moraes Filho, Barbara Mors, Armando Nascimento Jr., Euclides Oliveira, Masatoki Otsuka, José Piffer, Claudio Pugliese, Manoel Tavares da Silva, Paulo S. Takayama, Luis Tanigaki, Rene Tatti, Sergio Trevelin e outros de S. Paulo, José F. Trocado e Mar'i Aaltonem do Rio de Janeiro, Kennett Waddell de Niteroi, Sioma Breiman de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, M. Kimura de Assai, Paraná, Sebastião C. Leme de Gar-

ça, S. Paulo, além de Correa Castelo, do Chile, Harwey Brown, Eugenia Buxton, Gilbert Corlett, A. L. Hourath, Bob Schiller, etc., dos Estados Unidos, Andre Thevenet da França, Mario Cafarati, Guelfo Mazola, Lalo e Oscar Reinato, da Italia, S. R. Mody da India, James Gilchrist da Inglaterra, S. H. Lofts da Australia, Ivan Medar da Iugoslavia, Lyngaard Olsen da Dinamarca, e muitos outros cujos trabalhos vêm sendo motivo de enorme interesse e curiosidade nos circulos aficionados.

— 000 —

Os preparativos para a abertura do VII Salão prosseguem intensamente, devendo o mesmo ser inaugurado no proximo dia 12 de Novembro, ás 21 horas.

A cerimonia inaugural terá carater solene, a ela comparecendo nossas mais altas autoridades e elementos representativos dos meios culturais, artisticos e sociais de S. Paulo.



Mal terminada a seleção, iniciaram-se os trabalhos de montagem. As novas molduras foram completadas; desse serviço se desincumbiram entre outros os conotios Tanigaki, Lorca, Chiquito, Otsuka Palmério, que tiveram em José Eduardo, filho de nosso Presidente, um ativo auxiliar...



## O uso do papel «VARIGAM» (Defender)



Uma das preocupações constantes do amador que faz seu próprio trabalho e uma das dificuldades que encontra é ter sempre à mão, em sua camera escura, os varios tipos e graduações de papel exigidas por seus negativos ou pelo efeito que deseja alcançar. Bem mais facilitada ficaria a tarefa do amador si, com o mesmo tipo de papel, pudesse obter os graus de contraste pretendidos.

Os quimicos especializados tambem têm diante de si essa preocupação, compreendendo quão vantajosa seria tal cousa e, assim, vêm procurando fabricar um papel que pudesse ser usado com qualquer negativo, que com qualquer negativo, pudesse render qualquer grau de contraste.

Isso foi obtido pelos quimicos da "Defender" que lançou um papel com tais características, o "VARIGAM", que vem sendo agora distribuido entre nós, motivo porque varios tem sido os pedidos e informações sobre o uso desse papel.

Para conhecimento dos interessados, transcrevemos, pois, da "Revista DUPERIAL do Brasil", órgão daquela empresa distribuidora dos produtos "Defender", as seguintes elucidacões sobre o uso do papel "Varigam":

"O papel "Varigam" da Defender, possui contraste universal, produzindo-o em qualquer escala de gradacões, pela possibilidade de se ajustar o contraste de cada folha, para qualquer negativo imprimivel.

Ao invés de se empregar um papel de determinado contraste, ou seja, um dos 4 ou 5 graus disponiveis de uma dada superficie, usa-se, atualmente, apenas um tipo isto é, o "Varigam" no qual o contrast de tonalidades intermediárias pode ser variado de forma simples e original, interpretando todas as qualidades que o negativo possa proporcionar. Assim, graças às propriedades deste novo papel, nos dias de hoje a fotografia não precisa abastecer-se com uma quantidade consideravel de papeis diferentes. Anteriormente, ao contrario para levar a cabo seu mister era imprescindivel que o seu estoque estivesse completo para evitar o risco desagradavel a que estaria exposto ao verificar a falta de determinado tipo de papel, durante o seu trabalho.

Obtem-se a variacão de contrastes mudando-se, simplesmente, a coloraçã da luz impressora. Essa pratica proporciona graduações ilimitadas, dentro do campo de contrastes reconhecidos de papeis fotograficos.

Quando, no papel "Varigam", a impressã é feita através de uma fonte de luzes amarela e azul, o operador consegue as mais

variadas gradacões intermediárias, de acordo com a proporçã do azul ou do amarelo na luz impressora.

Na pratica, a mudançã de coloraçã da luz impressora é obtida por meio de filtros colocados à frente das lentes do ampliador.

Não é necessario que a revelaçã ou o manuseio do "Varigam" nas camaras escuras se processem de maneira diferente da convencional. Por meio de sobre-exposiçã ou de proteçã, obtem-se uma escala de efeitos especiais, com o maximo proveito das possibilidades que a técnica fotografica proporciona. Por exemplo: a impressã de uma foto cujo motivo principal seja impresso normalmente e o fundo com impressã leve. Essa pratica constitue uma técnica inteiramente nova no processo de impressã.

Para se obter o grau de contraste desejado, ao empregar o papel "Varigam" usa-se um jôgo especial de filtros de gelatina, um produto tambem da "Defender", cuja aquisiçã requer pouco dispêndio. Afim de facilitar a entrosagem dos contrastes bem como assegurar melhor a impressã dos negativos pouco satisfatorios emprega-se esse jôgo que compreende 10 filtros, os quais correspondem a cada grau da escala de contrastes dos papeis para ampliaçã conhecidos em valores intermediários.

Filtro n.º 1 — Deverá ser empregado um negativo de contrastes extremos.

Filtro n.º 3 — Emprega-se no caso de negativos de contrastes médio e o resultado equivale aproximadamente, ao que se consegue empregando-se o papel de ampliaçã "Velour Black n. 1".

Filtro n.º 5 — E' empregado com negativos normais e produz impressões que se aproximam das do "Velour Black n.º 2".

Filtro n.º 7 — Destinado às impressões que se assemelham com as do "Velour Black n.º 3". Deve ser empregado no caso de negativos suaves.

Filtro n. 10 — E' usado quando os negativos são excessivamente suaves. Produz um resultado análogo ao que se obtem quando se emprega o Velour Black n.º 4".

Estas breves consideracões sobre o papel "Varigam" poderã servir de base ao operador que emprega esse produto pela primeira vez. Na verdade, com um pouco de experiencia torna-se mais facil selecionar corretamente o filtro do que o grau de papel para o mesmo negativo. Informações adicionais sobre o "Varigam" e suas aplicações estã discriminadas nos folhetos elucidativos que acompanham a embalagem do produto".



FOTOGRAFICA

Dentre as varias cidades do interior do Estado de S. Paulo nas quais a fotografia artistica vem tendo notavel incremento, reunindo numeroso grupo de cultores, sem duvida, Piracicaba figura em plano destacado graças, em grande parte, á iniciativa do Centro Academico "Luiz de Queiroz" — a entidade dos estudantes da Escola Superior de Agricultura — de dotar aquela linda e progressista cidade de um Salão de Arte Fotografica.

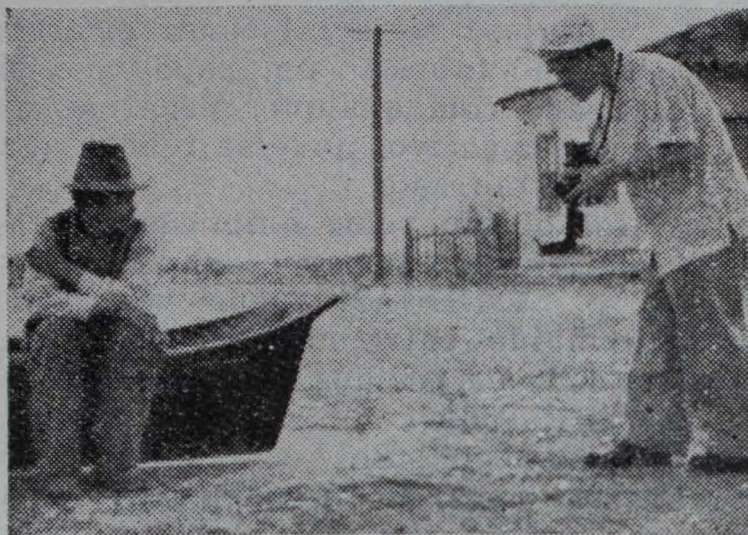
Já há dois anos vem se realizando, com crescente sucesso, o Salão Piracicabano de Arte Fotografica e animado pelos resultados alcançados o Centro Academico "Luiz de Queiroz" anuncia para o proximo mês de novembro a realização do III Salão, agora não apenas limitado aos aficionados daquele municipio, mas aberto aos amadores de todo o interior do Estado. Foi esta uma resolução das mais acertadas e oportunas e que, por certo, muito contribuirá para o maior brilhantismo desse certame e para a difusão da arte fotografica em nosso "hinterland".

Piracicaba, que já deu ás artes plasticas do pais alguns dos seus grandes vultos e que já tinha no Prof. Moacyr Diniz um dedicado e entusiasta cultor da fotografia como arte, vem, assim, se tornando fonte de novos valores no cenario artistico fotografico do paiz, e, nestes poucos anos, já revelou os nomes de Nelson S. Rodrigues, Admar Cervelini, Abilio M. Castro, Aminadav Berestein, e outros, cujos trabalhos passaram a figurar nos salões do Brasil, honrando inclusive as representações bandeirantes aos certames estrangeiros.

Por deliberação da Comissão Organizadora do III Salão Piracicabano de Arte Fotografica, a seleção dos trabalhos nele inscritos será feita em S. Paulo, por uma comissão nomeada pela diretoria do F. C. Bandeirante, a qual ficou constituida pelos consocios Fernando Palmério, Jacob Polacow e Julio Agosinelli.



J. J. Roos,...



Paulo Saite...



Galiano Caliera e...



Alfio Trovato, em Caraguatatuba, colheram ótimos flagrantes!

*Prefiram*

**H O M E O P A T I A**  
**C R I S T A L**

**U M R E M É D I O P E R F E I T O**

Farmácia:

R. Riachuelo, 77 - Fone: 3-4731

Laboratório:

R. Conselheiro Ramalho, 944

S ã o P a u l o



## AS POSSIBILIDADES DO 8 mm.

Rodolfo Gonzales Litardo, C.C.A.

Como aficionado entusiasta do 8 mm. e atendo-me às minhas experiências, posso dizer que em nosso país, não se faz justiça a seus esplendidos resultados.

Existem muitos possuidores de camaras 16 mm. que obteriam a mesma satisfação usando o 8 mm. com a conhecida economia tanto na aquisição da camara filmadora e do projetor como no que se refere á película empregada. Refiro-me aos amadores que dão ás suas filmagens um destino puramente familiar: empregam a camara filmadora ao invés da maquina fotografica, para tomar cenas de seus familiares, seus passeios, etc., e com o fim de que sejam vistas por seus parentes e amigos. Para estes amadores, o cinema em 8 mm. chega e sobra.

Mesmo para os mais exigentes existem camaras deste formato que possuem quasi todos os aperfeiçoamentos das camaras 16 mm. e, atualmente, é facil encontrar projetores de grande luminosidade comparados a muitos de bitola maior.

Na filmagem em branco e preto, o tamanho do grão no material sensível, o mesmo que no 16 mm., resulta em pequena desvantagem para o 8 mm.; evidentemente, este resulta maior em proporção ao tamanho quatro vezes menor do fotograma; porem, em se tratando de películas Kodachrome, nas quais não existe

grãos aparentes, aquele inconveniente diminui apreciavelmente, permitindo uma projeção de maior tamanho e de grande nitidez. Numa exibição do Cine Club Argentino, efetuada no cinema-miniatura da Cia. Transradio Internacional, projetamos uma película de minha autoria, em Kodachrome, com um projetor provido de lampada de 500 watts, alcançando um esplendido resultado quanto á claridade das imagens, cedendo muito pouco á apresentação de películas de 16 mm. com projetores de maior potencia luminosa.

Os fabricantes dos novos projetores de 8 mm., de 750 a 1000 watts, asseguram uma projeção com a maxima luminosidade sobre uma tela de 2,70 metros de largura. Que mais se pode desejar para uma sessão no lar? E, no que se refere a fixidez, digamos que em nada desmerece em relação ao outro tamanho.

Ademais, a profundidade de campo da objetiva normal (12,5 mm.) da pequena camara filmadora é tão grande que, praticamente, o problema do foco só existe excepcionalmente. Acrescentarei, para terminar estas breves linhas, que talvez o "oitomilimetrista" deva ter um pouco mais de cuidado em dar a exposição exata e empunhar a camara firmemente, quando não se utilizar do tripé, afim de obter o maximo rendimento possivel e assim diminuir a desvantagem do formato.



### OS FILTROS E O RENDIMENTO DO CÉO

O aficionado que estreia no cinema sem estar instruido no campo da fotografia, provavelmente não dá ao uso dos filtros a merecida importancia e até, em alguns casos, pode mesmo ignorá-los. Sem embargo, os filtros são elementos de grande utilidade para traduzir mais corretamente na gama dos cinzentos, as cores das cenas filmadas. Os céos com nuvens, por exemplo, não somente são representados com toda sua magnifica beleza com o auxilio de um filtro amarelo, como é possivel ainda intensificar essa tradução das cores si o filtro for mais intenso. Um céu sem nuvens, por não se haver usado o filtro, resulta numa zona branca fotograficamente intoleravel. Como as nuvens bem traduzidas dão ainda mais caráter á cena, o uso do filtro torna-se imperativo.

Diremos simplificando, que o filtro clareia os ob-

jetos de sua propria cor e obscurece os da cor complementar. O azul do céu, assim, se torna mais escuro e põe em destaque o branco das nuvens.

Para o nascer do sol ou os crepusculos, ao contrario, não é necessario usar filtros a não ser em casos especiais. Nas cenas em contra-luz, os contrastes se acentuam fortemente, de maneira a não ser preciso ativá-los pela ação dos filtros.

### QUANDO NÃO FOR POSSIVEL...

Quando o fotômetro indica que é necessario filmar com uma abertura de diafragma tão pequena que o filmador não pode dá-la (em geral menor que 16) o uso do filtro torna-se imperativo.

Si ainda assim se tornar necessario um diafragma menor, poder-se-á recorrer a uma velocidade de filmagem maior que a normal.

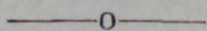
(Transcrito do CORREO FOTOGRAFICO SUDAMERICANO)



**O Bandeirante no Exterior**

As representações do Clube aos salões realizados no exterior, continuam obtendo lisonjeiros sucessos, conforme vemos dos últimos resultados conhecidos: **9.º SALÃO INTERNACIONAL DE VANCOUVER, CANADÁ** — admitidos: “Estudo de composição” de Thomaz J. Farkas; “Forte de Itaipus” e “Fruta do Mato” de Francisco B. M. Ferreira; “Visão Paulista” e “Serenidade” de Gaspar Gasparian; “Rumo Incerto” de Ludovico E. Munglioli; “Suavidade” de Angelo F. Nuti; “Don Garcia” de Fernando Palmerio; “Cara de gato” de Nelson S. Rodrigues; “Pateo de manobras” de Eduardo Salvatore e “Em descanso” de José V. E. Yalenti. Total: 11 trabalhos;

**2.º SALÃO INTERNACIONAL DA DINAMARCA** — Admitidos: “Retrato” de Francisco Albuquerque; “Aprendiz” de Ademar Carvellini; “Faina diária” e “Cristais” de Nelson S. Rodrigues; “Maromba” de José V. E. Yalenti; “Pax” de Carlos F. Latorre; “Alegria de viver” e “Últimas notícias” de Galiano Caliera; “Curva rustica” de Francisco B. M. Ferreira; “Luzes da manhã” de Antonio S. Victor; “Lagoa na tarde” de Roberto Yoshida; “Estudo de composição” de Thomaz J. Farkas; “Nuvens que passam”, “Viandante” e “Tranquilidade” de Plínio S. Mendes; “Nuvens de verão”, “Bonança” e “Boiada na vida” de Fernando Palmério; “Préce”, “Inspiração” e “Madona” de Eduardo Salvatore; “Últimos vestígios”, “Entardecer” e “Sem destino” de Angelo F. Nuti; “Serenidade”, “Visão Paulista” e “El Misti” de Gaspar Gasparian, “Vítimas luzes”, “Baixa maré” e “No canal” de Luiz Vaccari; “Carpas” e “Crescente andante” de Claudio Pugliese e “Fim do dia” de Ludovico E. Munglioli. Total: 31 trabalhos.



**PROXIMOS SALÕES**

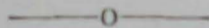
Damos abaixo, uma relação de Salões e certames para os quais o Clube está preparando sua representação. Os socios que delas quizerem participar, deverão entregar seus trabalhos ao Diretor de Intercambio dentro do prazo prefixado, obedecidas as seguintes condições: tamanho minimo, 18 x 24 e máximo 30 x 40 cts.; sem montagem; numero de ordem, nome e endereço do autor e titulo da fotografia, claramente escritos no verso de cada trabalho.

SALÕES	N.º de trabalhos	Entrega no Clube, até
(*) — de Johnsburgh (Africa do Sul, 1949 .....	4	30 de Outubro
(*) — “Irish”, de Dublin, Irlanda, 1949 .....	4	30 de Dezembro

OBS.: — Os trabalhos enviados aos salões assinados com asteriscos (\*), percorrerão, depois, outros salões do mesmo país ou países vizinhos.



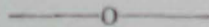
Oh! os camarões de Caraguatatuba! Ainda agora nos deixam com agua na boca! Vejam com que satisfação o Dino os saboreava!



**CONCURSOS INTERNOS**

**O concurso de dezembro:**  
Como é do conhecimento dos srs. socios, deverá se realizar durante o mês de dezembro p. vindouro, o ultimo concurso do corrente ano de 1948, finalizando assim a série programada para este ano e findo o qual se á procedida á classificação geral dos concorrentes. Dada a posição dos mesmos, nas varias categorias em que se dividem os associados, esse concurso vem sendo aguardado com vivo interesse, pois sómente após sua realização é que se poderão definir os vencedores das respectivas categorias, dada a pequena margem de pontos que separam os melhores classificados.

“CENAS DE GENERO” é o tema prefixado para esse ultimo concurso, cujo prazo para inscrições será encerrado no dia 20 de dezembro, devendo os trabalhos obedecer ás condições constantes do regulamento de concursos internos.



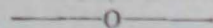
**OPORTUNIDADES**

Atendendo ás sugestões de varios associados, resolveu a Direção deste Boletim por á disposição dos Srs. socios uma coluna sob a epigrafe acima, destinada a acolher ofertas de compras, permutas ou vendas de aparelhos ou materiais foto-cinematográficos em que os mesmos estejam interessados.

Cada socio poderá, mensalmente, solicitar a inserção, nesta coluna, de um pequeno anúncio (gratuito) devendo, para isso, se dirigir por escrito á direção do Boletim.

**OFERTAS:**

1 — Vende-se Super-Ikonta 6x6, com fotómetro, ultimo tpo, obj. 1:2,8, nova, com bolsa de prontidão. Preço: Cr\$ 9.600,00. Procurar, Alberto de Simone, Av. Anhangabau 663, fone: 6-7189.



**NOVOS SOCIOS**

Na ultima reunião da Diretoria, foram aprovadas as p.ostas para socios de mais os seguintes aficionados: Inscrições ns. 564, Ricardo H. Berger, do R. G. do Sul; 565, Frederico Langem; 566, Mario Fiori; 567, D<sup>a</sup>. Brígida D. M. Florence; 568, Messias Constanino; 569, Dr. Otavio Lemmi; 570, E.asto Sanches Rodrigues; 571, Jean Philippe Liechty, de Blumenau, Santa Catarina e 572, Jiran Tarikian.



# 1.º GRANDE CONCURSO FOTOGRAFICO «TARIK»

UM CONCURSO ESPECIALMENTE PARA OS NOVOS

---

Com o fito de incentivar a arte fotografica, a CASA TARIK, estabelecida á Rua 12 de outubro n.º 24, com ótima secção CINE-FOTO para amadores e profissionais, lança este primeiro grande concurso da série que patrocinará, ao qual poderão concorrer todos os amadores da Capital.

As bases para esse concurso, são as seguintes:

1.º — Para participar do concurso, o concorrente precisa estar munido do COUPON CONCURSO TARIK, que a Casa Tarik distribui gratuitamente a todos os interessados.

2.º — Todas as fotografias apresentadas para este concurso, deverão ser do tamanho unico de 24-30 cts., montadas em cartolina branca ou creme de 35x50 cts., sendo admitidas fotografias sómente em branco e preto ou sépia.

3.º — Não serão admitidas fotografias coloridas, a mão ou não.

4.º — No verso de cada trabalho deverá constar sómente o PSEUDONIMO do concorrente.

5.º — Após o julgamento, as fotografias serão devolvidas, com exceção das premiadas, as quais ficarão de propriedade da Casa Tarik.

6.º — Os concorrentes, se obrigarão a apresentar os negativos das fotografias inscritas quando solicitados.

7.º — Destinando-se este primeiro concurso a amadores novos, dele sómente poderão participar, si associados do Fotocine Clube Bandeirantes, os da classe *novissimos*.

8.º — As fotografias, para este primeiro concurso, deverão enquadrar-se nos seguintes TEMAS:

1.º — PAISAGENS

2.º — FOTOS DE CRIANÇAS


3.º — FOTOS DE S. PAULO

8.º — Cada concorrente, poderá apresentar, no maximo 3 fotografias em cada têmea.

9.º — Aos tres primeiros colocados em cada têmea, serão conferidos premios, ficando a Comissão Julgadora com a faculdade de conferir tantas menções honrosas quantas julgar merecidas.

10.º — O prazo para inscrições a este concurso, encerrar-se-á impreterivelmente no dia 4 DE DEZEMBRO de 1948, às 12 horas, e no dia 18 do mesmo mês, serão os trabalhos julgados pela comissão nomeada pela Casa Tarik e composta dos Srs. Dr. Eduardo Salvatore Dr. José V. E. Yalenti e Angelo Francisco Nuti.

11.º — O ato de inscrição implica na aceitação de todos os termos deste regulamento.







## NOS CÉUS DO MUNDO

A "PANAIR DO BRASIL" adotou em suas aeronaves "BANDEIRANTES" para as rotas europeias e americanas talheres e baixelas FRACALANZA. Tal preferência, baseada na matéria prima empregada, na elegância dos artigos e no rigor do seu fino acabamento, representa uma vitória para a indústria brasileira, isto é, para a *prata de casa*.

O "*made in Brazil*", gravado ao pé da gloriosa marca FRACALANZA, percorre os céus do mundo levando por toda parte o nome do Brasil e a afirmação de que a indústria nacional, em alguns particulares, já pode emparelhar com as mais antigas dos vários continentes.

FRACALANZA é uma tradição viva de nossa terra, que atravessa a distância e o tempo, servindo ao Brasil: seu traço característico e a perfeição de suas baixélas e talheres.



# Fractalanza

*A prata de casa*



# Segurança Industrial

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS

Fundada em 1919

**CAPITAL: Cr\$ 4.000.000,00**

SEGUROS: INCÊNDIO, ACIDENTES DO TRABALHO,  
ACIDENTES PESSOAIS, FERROVIARIOS, RODOVIARIOS,  
MARITIMOS, AERONÁUTICOS, AUTOMOVEIS e ROUBO.

**Reservas Estatutárias e Extraordinárias até 31-12-45:**

**Cr\$ 22.959.013,10**

**Sinistros pagos até 31-12-1945: Cr\$ 161.240.688,40**

PRESIDENTE

**ANTONIO PRADO JÚNIOR**

---

**M A T R I Z :**

137 — AVENIDA RIO BRANCO — 137

(Edifício Guinle) — RIO DE JANEIRO

ENDEREÇO TELEGRÁFICO: "SECURITAS"

---

**SUCURSAL EM SÃO PAULO:**

PRÉDIO PIRAPITINGUÍ — RUA BÔA VISTA, 127 - 5.º andar

Telefone: 2-3161 — Rede interna

**J. J. ROOS — Gerente-Geral**

**A MAIOR GARANTIA EM SEGUROS**

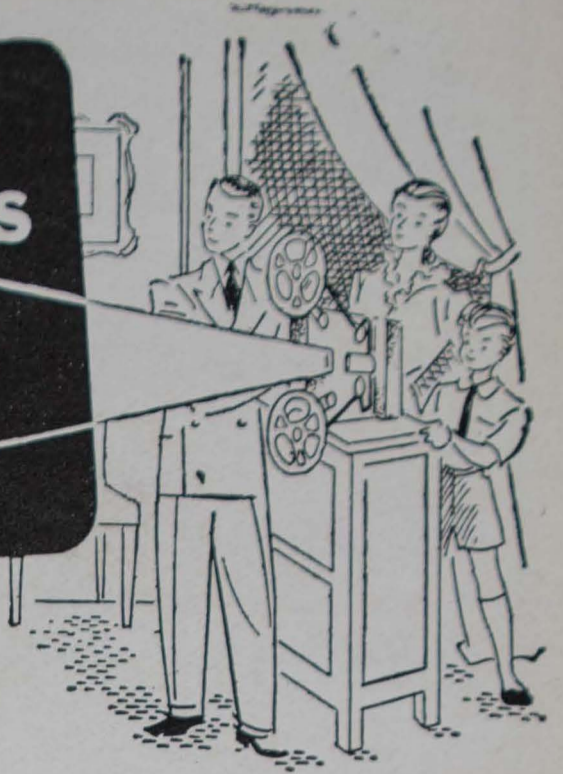
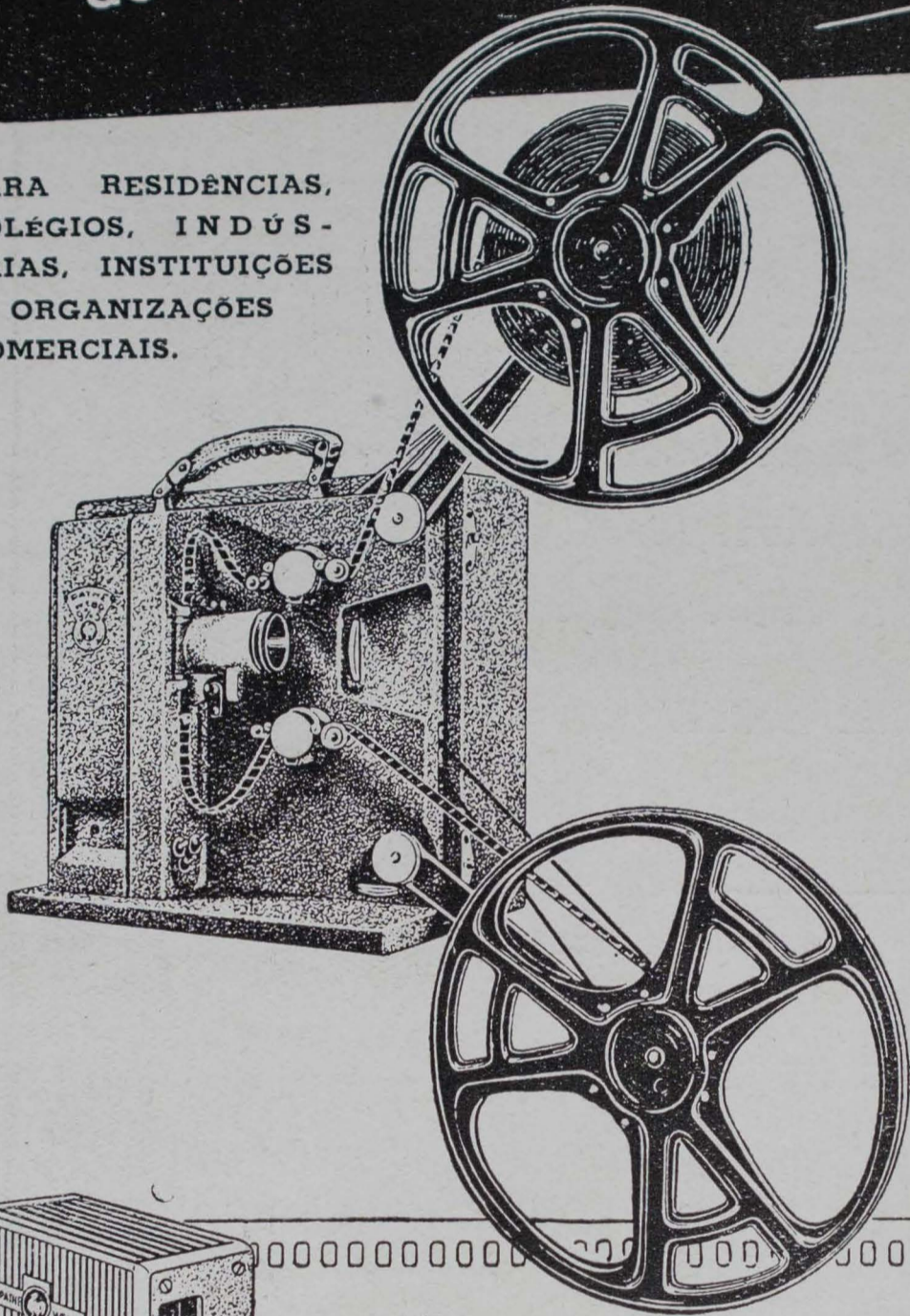


# PROJETORES

de 8, 9,5 e 16 mm.

## SONOROS E MUDOS

PARA RESIDÊNCIAS,  
COLÉGIOS, INDÚS-  
TRIAS, INSTITUIÇÕES  
E ORGANIZAÇÕES  
COMERCIAIS.



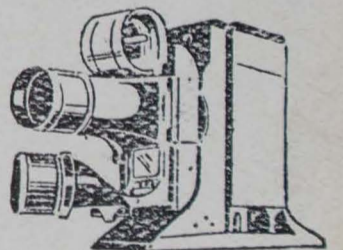
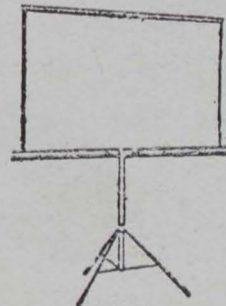
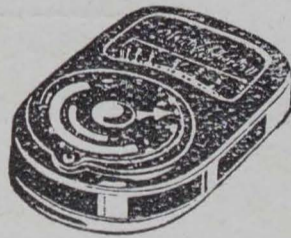
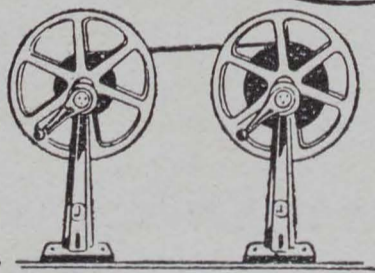
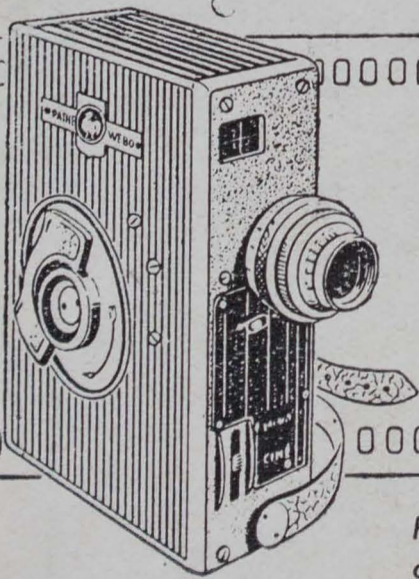
PENSE na sensação que PATHÉ WEBO pode causar a qualquer hora em sua casa! Exiba para os seus, com a nitidez e a segurança dos grandes cinemas, os filmes que quiser – em sessões especiais, exclusiva para os seus familiares e amigos! Conheça, hoje mesmo, os projetores PATHÉ WEBO – fonte sonora e colorida de entretenimento para o seu lar!

# Isnard

Cine-Foto S/A

R. 24 de Maio, 70 a 90 - Telefone 4-8191 (Ramais)

Filial: Alameda Barros, 161 - Tel.: 51-4968



Fixe para sempre os grandes momentos de que são heróis e heroínas seus filhos, parentes e amigos.

Com a Câmera PATHÉ WEBO o senhor pode fazer proezas cinematográficas. É tão fácil!

